DISCURSO DE AGRADECIMENTO (*)

ÁLVARO COSTA

Desejamos traduzir, com a máxima simplicidade, o agradecimento que vos manda a família do dr. Carlos Ribeiro, no instante em que homenageais a memória de nosso querido morto. Não podemos dizer que atingiremos êsse objetivo; mas como poderíamos tentar outra cousa, se nos é impossível acompanhar os altos remígios, a que nos conduziu, por instantes, o verbo de vosso orador, ou ensaiar atitudes dignas da importância e da severidade dêste cenáculo?

Podeis imaginar, nas alturas a que vos librais, o que representa, para nós, esta solenidade, em que descobrimos os melhores símbolos dos valores do espírito? Ora, senhores, o protocolo que reproduzis, a cada vez que um de vós marcha ao encontro solene com a eternidade — que é que vale isso nesse culto e nesse rito, o que declararia é que cada um de vós terá digna sobrevivência na história; cultivando a memória dos que se foram, fazeis a obra de reparação daquilo que o Tempo vai consumir, e, de tal jeito, é o vosso cenáculo que estais perpetuando. Eis uma primeira grandeza, que não podereis conservar sem o emocionante simbolismo destas reuniões.

A par disso, mandastes que o dr. Raimundo Girão fôsse o realizador desta regra de vosso cerimonial. Com que palavras admiráveis êle o fêz, o encantamento em que ainda estamos dá testemunho. As palavras são belas e as imagens, que elas sugerem, deram figura e relêvo às idéias, como o escopro dá relêvo e sentido às formas fugidias do mármore. Mas, ai das palavras e dos pensamentos, se um sentimento, dêsses que vêm do fundo da alma, não lhes der calor e vida! Pois se essas palavras que ouvimos foram achadas e tão singulares e tão tocantes,

---

(*) *Proferido em nome da família do falecido consócio Carlos Ribeiro, por seu genro Álvaro Costa, a* 20-11-58.

que outro sentimento haveria de inspirá-las senão a delicadeza criadora de uma grande e generosa amizade?

Há entre vós um altar, e nêle acabais de colocar a memória de Carlos Ribeiro.

De um modo e de outro, pela fôrça do vosso rito e pela fôrça da amizade, roubastes ao tempo aquêle que fêz de seu pai, José Carlos Júnior, uma permanência na vida, que se devotou com lealdade ao dever, que foi um benemérito do Ceará, seja pelos serviços assinalados que prestou à causa pública, seja à causa do ensino, em que foi um mestre de quem sabe ensinar.

Nossa gratidão é enorme e não serão estas palavras que poderão retribuir a largueza e a emoção de vosso gesto. Agrada-nos ver Carlos Ribeiro em vosso Panteon. Bem sabemos que o filósofo consolava a mulher do povo dizendo que também as estrêlas do céu se apagam, as árvores, que são mais belas que o homem, também se dobram tristemente, e que, por isso nenhuma vida ou nenhuma morte, podia ser retirada do esquecimento, nem podia merecer uma lágrima, sem ofensa à grandeza de Deus e aos desígnios do Tempo. Mas, senhores, essa linguagem da suprema razão não vale o conceito da humana simplicidade. Não choramos uma árvore que se consome, nem porque uma estrêla de enormes clarões se apaga no céu. Não lh'as roubamos ao esquecimento, mas é que delas não podemos dizer como sentimos de Carlos Ribeiro: choramos uma lágrima sôbre o seu túmulo porque êle foi espôso, irmão e pai, como vós outros dizeis que o tirastes do esquecimento porque êle foi dos vossos e foi vosso amigo.

Nossa gratidão é imensa e profunda, porque acabais de roubá-lo ao tempo e colocá-lo na história.